



Minervino Júnior/CB/D.A.Press



“Venho de uma família que cultiva diversos tipos de manualidades e já tinha contato com bordado em ponto cruz desde a adolescência. Mas o bordado livre só chegou na minha vida em 2019

Anna Elisa de Lara,
física, professora e pesquisadora

Replicando tendência

Já para a consultora de imagem e designer de moda Niágara Tavares, o retorno do artesanal acompanha transformações no consumo. “A moda é um fenômeno que reflete um comportamento social”, diz. “Se as passarelas trazem o handmade como microtendência, em termos de comunicação visual, a réplica dessa tendência

Grupo de crochê da Biblioteca Escolar Comunitária Valéria Jardim, idealizado por Sandra Emília: compartilhamento

é imediata para a massa”, destaca. Ela cita a Copa do Mundo de 2026: “Aqui no Brasil, grande parte da população faz renda com artesanato, algo forte em nossa cultura, e teve destaque agora na Copa com a trend Brasilcore, que evidencia as potências do nosso país, e as manualidades são uma delas”, afirma.

Para Niágara, escolher uma peça feita à mão é também um posicionamento. “Valorizar o slow fashion é respeitar o tempo de produção de uma peça, a cadeia produtiva e a valorização de todos os profissionais envolvidos nela até chegar na peça pronta para uso”, diz. “Esse lifestyle passa pela roupa em expressão de identidade, atravessa os hobbies e as manualidades para fazer fora da tela, o que culmina em muitos jovens se reunindo em clubes do crochê ou grupos de leitura e crochê”, observa. Ainda assim, pondera sobre o consumo: “Que o crochê e o artesanal são atemporais quando se trata de tendência, já sabemos. Mas, em termos de consumo, infelizmente não tenho tantas esperanças, pois requer uma reeducação mundial”, afirma.

O coordenador do curso de psicologia do Centro Universitário Uniceplac, professor Wladimir Rodrigues da Fonseca, explica o sucesso das manualidades pelo modo de vida contemporâneo. “Porque essas atividades oferecem exatamente o que a vida digital tira da gente. O celular vive nos puxando para todos os lados, com notificação atrás de notificação. O trabalho manual faz o caminho contrário: é uma coisa de cada vez”, afirma.

Para ele, os benefícios emocionais são consistentes. “As pessoas relatam mais calma, melhora no humor e até a sensação de pensar com mais clareza. O ato de criar ajuda a tirar a pessoa daquele turbilhão de pensamentos repetitivos, dá uma sensação de controle e competência e ajuda a transformar uma angústia difusa em algo organizado e concreto”, diz. “O tricô e o crochê são quase perfeitos para isso, porque misturam o movimento repetido, que embala, com o pequeno desafio de cada ponto, que mantém o interesse”, explica.

Há, ainda, um benefício coletivo. “Esses grupos criam um espaço que não é nem a casa nem o trabalho, mas um terceiro lugar, onde a convivência acontece de um jeito mais leve. Quem sabe ensina, quem está começando aprende, e isso cria papéis, troca e vínculo”, conclui.

Ao longo da reportagem, as histórias de artesãs, empreendedoras, professoras e pesquisadoras mostram que, embora utilizem linhas, agulhas, tecidos e novelos, todas costuram algo muito maior do que peças de roupa ou objetos decorativos. Elas criam memórias, fortalecem comunidades, preservam conhecimentos ancestrais e encontram, no ritmo paciente das mãos, uma forma de resistir à velocidade do mundo. No fim das contas, talvez o verdadeiro valor do fazer manual seja lembrar que algumas das coisas mais importantes da vida, como o afeto, o pertencimento e a criatividade, também são construídas ponto por ponto.